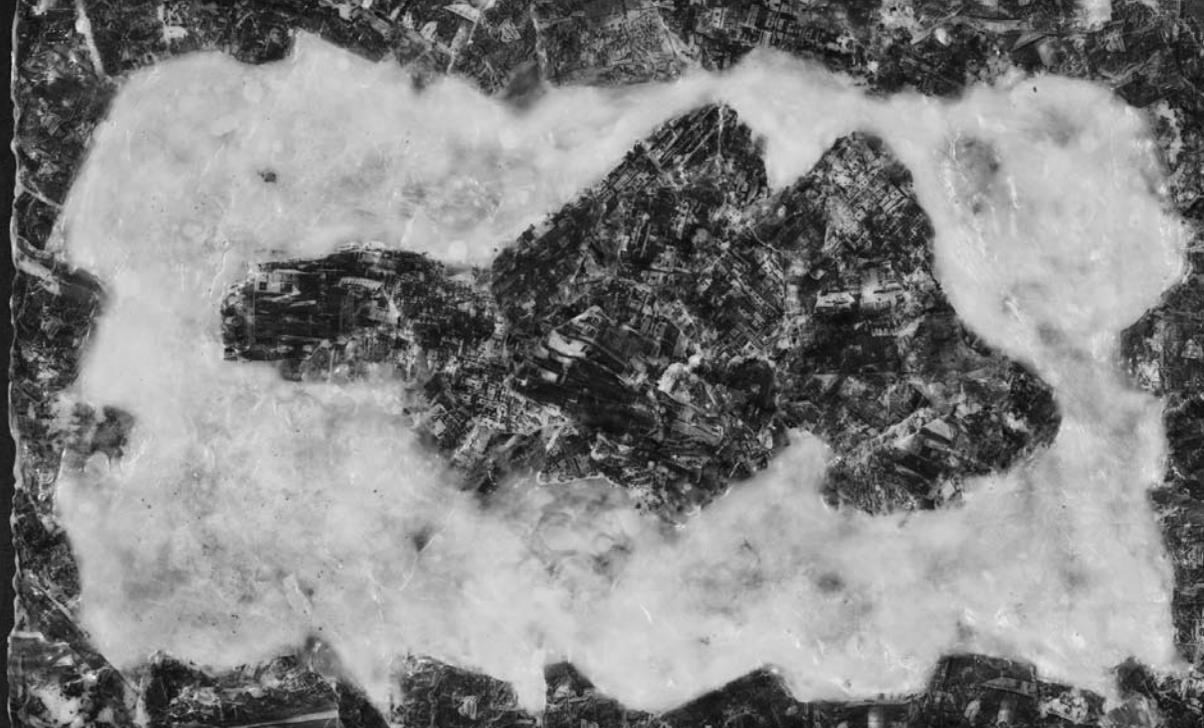


[STÉPHANE MALYSSE]

Antropólogo visual, artista e professor de Artes e Antropologia na EACH-USP. Doutor em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris), com pós-doutorado pelo Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp. Pesquisador associado do departamento de Antropologia da Goldsmith (Londres) e colaborador do Forum Permanente (ECA-USP). Autor de *Diário acadêmico* (Estação das Letras e Cores, 2008).
E-mail: opuscorpus@terra.com.br





Dois irmãos, Luiz Pizarro, 2007.

Morros velados

A poesia existe nos fatos.

Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela sob o azul cabralino são fatos estéticos.
Oswald de Andrade, *Manifesto pau-brasil*, 1924.

[27]

As favelas, além de pertencerem ao patrimônio cultural e artístico do Rio de Janeiro, crescem de forma espontânea no inconsciente dos artistas, formando novas constelações no imaginário das cidades. Ao mesmo tempo visíveis e invisíveis, mutantes e estáveis, são sonhadas antes de serem vistas, sentidas antes de serem visitadas. Ao condensar, como num sonho surrealista, as imagens de favelas publicadas pelos turistas ao voltar do Rio de Janeiro, Luiz Pizarro reintegra essas imagens dispersas ao seu processo criativo. O que ia embora com os "gringos" é reaproveitado para constituir uma nova camada, velada, da arquitetônica imaginária desses não lugares urbanísticos. A própria estética do lugar é meticulosamente transformada em uma refavelização da tela. Esses espaços outros, habitados e planejados pelo outro, passam a ser invadidos também pelo artista-*bricoleur* que soube reaproveitar os restos e pedaços de espaços e de visões alheias para realizar seus morros "re-velados", parafinas de favelas ou paisagens sob a neblina.



Gárgula e Cristo, Luiz Pizarro, 2006.

[28]

Pelos gestos acumulativos e alusivos, que parecem parodiar, de certa forma, o próprio crescimento das favelas, o artista reconstrói o espaço através das suas pinturas-esculturas e recupera definitivamente as imagens fugitivas da sua cidade. A partir dos fragmentos impressos de favelas, Luiz Pizarro fabrica pequenas metonímias dos morros que figuram tanto frios (montes enevoados) e quentes (a parafina derretida), densos (detalhes) e leves (como uma vela), frágeis (quebráveis) e fortes (pinturas armadas). Essas novas quimeras absorvem, na opacidade da parafina, outros olhares, imagens de Debret e do próprio artista sobre Notre-Dame de Paris. Como que congeladas, as telas parecem procurar o amarelo do Sol por conta própria e afirmar a instabilidade da paisagem retratada.

Condensadas, integradas e logo dissolvidas na parafina, essas carrancas gigantes são fatos políticos transmutados em objetos simbólicos e poéticos: são fatos estéticos, como dizia Oswald de Andrade. No azul-escuro da noite, a favela deixa de ser antiestética para virar um quadro luminoso que atrai e afasta feito uma gárgula. Ao deixar derreter a própria imaginação, Luiz Pizarro apresenta a sua arqueologia e revela sua visão íntima do espaço familiar. Para reativar a poesia da geografia carioca, revelada por Hélio Oiticica, o artista cria armadilhas conceituais capazes de cegar o espectador. De olhos velados, ele é convidado a mudar sua visão do lugar.